

# AS ORIGENS SOCIAIS DO CRISTIANISMO

ESTUDOS SOBRE A  
HISTÓRIA DOS DOGMAS

PROSPER  
ALFARIC

Seleção e tradução  
do original francês por  
**Luís Bernardo**

## ÍNDICE GERAL

<i>Nota do Editor</i> .....	13
<i>Apresentação dos textos</i> .....	17

### ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA DOS DOGMAS

#### I.

#### O CRISTIANISMO

AS ORIGENS SOCIAIS DO CRISTIANISMO .....	27
I. Os Saduceus .....	30
II. Os Fariseus .....	34
III. Os Zelotas .....	38
IV. Os Essênios .....	43
A VERDADEIRA GÊNESE DA IGREJA .....	51
I. Documentos originais .....	51
II. A Igreja primitiva .....	59
III. Traços diferenciadores .....	66

II  
O PROBLEMA DE JESUS

JESUS EXISTIU? .....	79
Analogias míticas .....	80
I. Falta de testemunhos profanos .....	83
Os testemunhos judaicos .....	83
Josefo .....	83
Justo de Tiberíades .....	88
O Talmude .....	89
Os testemunhos pagãos .....	90
Pilatos .....	90
Suetónio .....	91
Tácito .....	92
II. Inconsistência dos testemunhos cristãos .....	93
Os Evangelhos .....	93
As Epístolas Paulinas .....	97
<i>A Carta aos Hebreus</i> .....	101
<i>O Apocalipse</i> .....	102
Conclusão mítica .....	103
A grande objecção .....	103
Como se formou o mito cristão .....	104
Como se deu o triunfo do mito cristão .....	108
 COMO SE FORMOU O MITO DE CRISTO .....	 113
I. Factores pagãos .....	114
II. Factores judaicos .....	119
III. Factores essénios .....	125
 O PROBLEMA DE JESUS .....	 139
I. Historiadores críticos de Jesus .....	140
1. Ernest Renan .....	140
2. Alfred Loisy .....	143
3. Charles Guignebert .....	148

## ÍNDICE GERAL

II. Concepção mítica de Jesus . . . . .	153
1. Possibilidade de uma ilusão mítica . . . . .	155
2. Verosimilhança de uma ilusão mítica. . . . .	156
3. Probabilidade crescente de uma ilusão mítica. . . . .	159
4. Prova decisiva da ilusão mítica . . . . .	160
O <i>Apocalipse</i> . . . . .	160
As Epístolas de Paulo. . . . .	162
A «Carta aos Hebreus» . . . . .	164
III. De onde vem o mito? . . . . .	166
1. Textos anteriores aos Evangelhos. . . . .	168
A «Carta aos Hebreus» . . . . .	168
Epístolas paulinas. . . . .	172
O <i>Apocalipse</i> . . . . .	174
2. Os Evangelhos . . . . .	176
AS PROPÓSITO DA RECENTE DESCOBERTA DE MANUSCRITOS PALESTINIANOS. . . . .	181
SIMÃO (DITO O MÁGICO) DEUS SALVADOR DOS SAMARITANOS . . . . .	185
Observações preliminares . . . . .	185
O Evangelho de Simão, <i>o Mágico</i> . . . . .	188
Notas complementares . . . . .	205

## III

### O MITO DE MARIA

AS ORIGENS DO CULTO DE MARIA. . . . .	211
Introdução . . . . .	211
I. Origens palestidianas. . . . .	213
A. Não há mãe de Cristo . . . . .	213
B. Mãe simbólica . . . . .	216
C. Mãe igual às outras . . . . .	221

II. Origens romanas.....	223
A. Antítese de Marcião.....	224
B. Síntese ortodoxa: maternidade virginal.....	226
C. Resistências gnósticas.....	234
D. Nova conciliação: tripla virgindade.....	241
III. Origens egípcias.....	249
A. Maria, a nova Ísis.....	249
B. Maria patrona dos monges.....	251
C. Maria «mãe de Deus».....	255
Conclusão.....	260

COMO SE FAZ UM DOGMA.

BREVE HISTÓRIA DA ASSUNÇÃO.....	263
I. A partir do zero.....	263
Antes dos Evangelhos.....	264
Os primeiros Evangelhos.....	267
Novos Evangelhos.....	272
II. Ideia da Assunção.....	274
Entre os gnósticos.....	275
Entre os ortodoxos.....	276
Novos textos apócrifos.....	279
III. A festa da Assunção.....	282
Do Oriente ao Ocidente.....	282
A favor e contra a festa.....	284
IV. A doutrina da Assunção.....	287
Fé e teologia.....	287
Reacção antiescolástica.....	289
As ciências e a natureza.....	290
V. O dogma da Assunção.....	291
De Pio VI a Pio IX.....	291
De Pio X a Pio XII.....	292

## ÍNDICE GERAL

### IV A IGREJA

COMO SE FAZIAM ANTIGAMENTE OS PAPAS . . . . .	297
Introdução . . . . .	297
Ficções iniciais . . . . .	300
Primeiras eleições pontificais . . . . .	303
Primeiras dissensões eleitorais . . . . .	304
Sob o Império de Constantino . . . . .	307
Sob os imperadores do Ocidente . . . . .	312
Sob o domínio dos «bárbaros» . . . . .	313
As aventuras do papa Vigílio . . . . .	317
Sob o patrocínio de Bizâncio . . . . .	320
Sob a pressão dos Árabes . . . . .	324
Últimos eleitos de Bizâncio . . . . .	326
Sob o patrocínio dos Francos . . . . .	328
Sob o feudalismo italiano . . . . .	334
As vicissitudes do papa Formoso . . . . .	338
O romance da papisa Joana . . . . .	342
Uma fábrica de papas: a casa de Teofilacto . . . . .	344
Fábricas alternadas: os Otãos e os Crescêncios . . . . .	349
Nova fábrica: os condes de Túsculo . . . . .	353
A dança macabra dos papas alemães . . . . .	357
Conclusão . . . . .	364
A EXCOMUNHÃO. ORIGENS E HISTÓRIA . . . . .	365
COMO SE FAZ UM LUGAR SANTO: FÁTIMA . . . . .	393
Preâmbulo . . . . .	393
Panorâmica geral . . . . .	394
I. Os três videntes . . . . .	395
1. O local das visões . . . . .	396
2. A época das visões . . . . .	398
3. A psicologia dos visionários . . . . .	400
4. As visões . . . . .	406

II. O Clero. ....	413
1. O Pároco de Fátima. ....	413
2. O cónego Formigão. ....	416
3. Monsenhor José da Silva, Bispo de Leiria. ....	419
4. O Cardeal Cerejeira. ....	423
III. O Vaticano. ....	429
1. Bento XV. ....	429
2. Pio XI. ....	429
3. Pio XII. ....	431

V

TEXTO INÉDITO SOBRE  
OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

NOVIDADES SOBRES AS ORIGENS CRISTÃS. ....	443
---	-----

## NOTA DO EDITOR

A edição que o leitor tem em mãos baseou-se numa publicação da União Racionalista<sup>(\*)</sup>, que em 1959 coligiu uma série de artigos, palestras e conferências de Prosper Alfaric. Esta edição foi organizada por Jacqueline Marchand, que escreveu também um longo preâmbulo à vida e obra do Autor, preâmbulo esse que decidimos omitir na nossa edição, porque, embora bastante detalhado, era um tanto hagiográfico.

Dessa edição publicada pela União Racionalista decidimos também não incluir a parte final, distribuída por cinco textos: «Porque somos racionalistas», «Ciência e Religião», «Deus existe?» «Conclusão» e «Os verdadeiros valores espirituais». Entendemos que esta secção se afasta já da ideia editorial que levou à decisão de publicar a obra: dar uma outra visão das origens e desenvolvimento de uma das maiores religiões monoteístas.

A própria organização da edição original – uma compilação de artigos e palestras escritos e proferidos ao longo dos anos – faz com que seja impossível não haver repetições, como o leitor certamente

---

(\*) Prosper Alfaric, *A l'École da Raison, Études sur les Origines Chrétiennes*, (org.) Jacqueline Marchand, Paris, Publications de l'Union Rationaliste, 1959.

irá reparar. Mas é uma inevitabilidade em obras deste cariz. Aliás, na nota introdutória a esta obra, Victor Daumer explica perfeitamente as dúvidas que se puseram ao Secretariado da União Racionalista aquando da decisão inicial de publicar a obra.

\*

Na tradução dos versículos da Bíblia traduzimos sempre do original francês, recorrendo à *Bíblia Sagrada* da Difusora Bíblica<sup>(\*)</sup> apenas por duas vezes, para dois salmos. Esta opção está directamente ligada ao percurso intelectual do Autor – ele próprio tradutor de aramaico, grego e latim –, que sustenta que os livros bíblicos, a determinada altura, foram amputados, interpolados ou objecto de opções de tradução questionáveis. Por exemplo, num passo do texto, o Autor cita o *Génesis*, 49, 10: «O ceptro não escapará a Judá (...) até que venha Schiloh, e ao qual os povos obedecerão». Na edição da Difusora Bíblica, em vez de *Schiloh* figura «aquele a quem pertence o comando» (por curiosidade, a versão inglesa do rei Jaime usa também *Shiloh*, sem o «c»). Mas poder-se-ia referir o caso de Flávio Josefo, em que os vários manuscritos existentes do mesmo texto não coincidem. Por último: Alfaric usa sempre a designação Iahvé (grafia que mantivemos), que na edição da Difusora Bíblica surge traduzido por «Senhor».

Aliás, a dúvida de Alfaric começa a insinuar-se precisamente por ter deparado com estas versões truncadas na preparação das suas aulas de Dogma. Alfaric começa então a questionar a historicidade dos textos. E este questionamento é reforçado pelas tendências que surgiam então relativamente à exegese das Escrituras, que entendiam dever aplicar-se à análise dos textos bíblicos o mesmo rigor aplicado ao estudo dos clássicos. Note-se que Alfaric tinha uma sólida formação teológica e filosófica (chegou a ser professor de Filosofia no

---

(\*) 5.ª edição revista, sob a direcção de Herculano Alves, 2006.

seminário, antes de dar aulas de Dogma), reforçada por décadas de estudo, ensino e investigação, como o comprovam as várias obras e artigos que publicou.

\*

A par das notas do Autor – bibliográficas na sua maioria – e das notas da organizadora da edição francesa (grafadas a itálico e assinaladas com JM no final) –, houve a necessidade de acrescentar mais algumas para clarificar ao leitor certos personagens históricos mais obscuros ou determinados conceitos religiosos e doutrinários.

Estamos em crer que o resultado será do agrado do Leitor, que terá acesso a informação e argumentos que normalmente andam arredados do debate.

O Editor

## JESUS EXISTIU?(<sup>16</sup>)

A questão em torno da qual se organizou esta conferência pode-vos ter parecido estranha. Talvez tenham até considerado que esta é uma daquelas questões que nem se devem colocar.

Terá Jesus existido? O facto parece de tal maneira evidente! Cem gerações de crentes estão aí para o comprovar! E se duvidamos disto, de que poderemos ter a certeza?

Durante muito tempo, também eu pensei o mesmo. Quando, pela primeira vez, ouvi pessoas dizer que talvez Jesus não tivesse existido a não ser na imaginação dos crentes, só vi nisso uma daquelas extravagâncias até onde, por vezes, pode levar o abuso da crítica. A ideia parecia-me delirante. Quando a estudei mais a fundo, deixei

---

(<sup>16</sup>) Conferência dada a pedido da União Racionalista em Paris, sala da Sociedade de Geografia, 184, Boulevard Saint-Germain, a 5 de Março de 1932. Cahier Rationaliste n.º 14, Maio de 1932. O mesmo texto foi publicado em livro pela Bibliothèque Rationaliste juntamente com uma conferência de Paul Louis Couchoud e outra de Albert Bayet sob o título «Le Problème de Jésus et les origines du Christianisme». Foi a publicação desta conferência que valeu a Prosper Alfaric a excomunhão maior, proclamada pela Igreja Católica em Julho de 1933. Cf. De la foi à la raison, pp. 286 e ss. (J. M.).

de a considerar assim tão absurda. Tive de admitir que ela apresentava alguma aparência de verdade. Acabei rapidamente por reconhecer que a ideia era defensável. Depois, pareceu-me que ela era bastante mais verosímil do que a tese contrária.

Gostaria de explicar as razões que determinaram esta mudança de atitude. Elas são tão complexas como o assunto em questão. Melhor dizendo, consistem num conjunto de probabilidades. Num assunto desta natureza não se pode pretender ter uma certeza matemática. Há demasiadas incógnitas. Temos de nos situar, inevitavelmente, no plano das verosimilhanças. Ainda que aquilo que, a mim, me parece verosímil, possa talvez não o ser para outros. A ideia de um Jesus puramente mítico choca demasiado violentamente a tradição transmitida, contraria demasiados hábitos, demasiados sentimentos, e também demasiados interesses, para encontrar um acolhimento uniforme. Sobre esta ideia, nem todas as mentes nos devolvem a mesma imagem. Porém, há um certo número de pontos sobre os quais todas devem poder mais ou menos estar de acordo. Algumas constatações essenciais impõem-se desde logo. São estas que importa destacar antes de mais.

### **Analogias míticas**

Uma nota prévia atenuará bastante a aparente estranheza do problema que estamos a tratar.

A questão que se coloca ao cristianismo a propósito de Jesus colocou-se de forma análoga para muitas outras religiões – para todas as que, como ele, fazem a invocação de um homem-deus, ou de um deus que se fez homem. Encontramo-la no centro de todos os cultos de mistério que partilham com ele tantas e tão estranhas afinidades. Sobre todos esses cultos, a resposta hoje é fácil porque vivemos fora da sua influência. Outrora teria sido mais difícil. Teria suscitado a animosidade dos crentes. Aos mais livres de entre eles, a questão teria parecido chocante e escandalosa.

Os seguidores de Osíris não duvidavam que este filho de Rá tivesse vivido nos primórdios da humanidade, na região do Delta. Era a ele que atribuíam a origem das artes, das indústrias, da civilização de que eram beneficiários. Sabiam as viagens que tinha feito para concretizar a sua missão educativa, que obstáculos lhe haviam semeado à sua passagem, que poderes malignos, que lutas travara para fazer triunfar o partido do bem. Era de uma tradição prodigiosamente antiga que surgiam os inúmeros e comoventes pormenores sobre a traição que urdiram contra ele, sobre a sua paixão e a sua morte, sobre as exéquias rituais que lhe fizera a irmã, Ísis, e sobre a magia sagrada que permitiu dar-lhe uma nova vida. Nenhum outro capítulo sobre o passado do Egípto lhes parecia tão certo e tão bem conhecido como este.

Os adeptos de Átis não possuíam menos informação sobre a curta carreira deste pastor divino. Também eles tinham ouvido aos antigos histórias de tempos imemoriais sobre a sua vida dramática. Também eles conservavam uma devota recordação das suas correrias pelos montes Frígios, impostas pelo rebanho que guardava. Extasiavam-se com a lembrança do seu amor idílico por Cibele e com a inquieta vigilância que a deusa ciumenta lançava sobre o jovem deus. Todos os anos, durante uma Semana Santa, organizavam um grande luto que comemorava o seu fim dramático, cujas cenas assombravam a imaginação dos seus adeptos. Ainda a viam, chorosa e desgrenhada, lançando gritos de sofrimento a ecoar nos bosques. Depois, esta dor transformava-se em alegria mística quando recordavam como o amor triunfara sobre a morte e como o jovem deus regressara à vida. Nenhum drama provocava neles tanta emoção. Aos seus olhos, nenhum outro era tão real.

Os discípulos de Mitra possuíam um relato muito circunstanciado dos altos feitos alcançados pelo seu Mestre. Falam-nos de um tal Eubulo que relatou a sua história «em inúmeros livros»<sup>(17)</sup>. Este

---

(17) Porfírio, *De Abstinencia*, IV, 16; São Jerónimo, *Adv. Jovinian*, II, 14. Cf. Franz Cumont, *Textes et monuments figures relatifs aux mystères de Mithra*, t. II, pp. 42-43.

Evangelho de um outro género era maior do que qualquer um dos nossos e devia ter um conteúdo análogo.

Muitos textos e monumentos figurados aludem ao nascimento deste filho do Sol, à sua infância laboriosa, à sua luta incessante contra o espírito do mal, aos companheiros recrutados por ele, à sua última refeição tomada na companhia destes, à sua morte, à sua ascensão triunfal. Em meados do século II, e por volta do início do século III, São Justino e Tertuliano constataam que a sua vida – assim como a dos dois outros salvadores – se assemelha em muitos pontos à de Jesus<sup>(18)</sup>.

Até Constantino, e mesmo até Teodósio, Mitra fez uma séria concorrência a Cristo e durante muito tempo – como observa Renan – ter-se-á pensado que talvez fosse ele quem acabaria por vencer.

Se tal tivesse acontecido, teria sido o seu Evangelho a levar a melhor. E a contestação das suas afirmações ofereceria a mesma legitimidade com que hoje podemos duvidar dos testemunhos de Marcos ou de Mateus. Os críticos mais ousados ter-se-iam contentado em interpretá-lo num sentido evemerista(\*). Teriam conservado tudo o que lhes parecia natural, limitando-se a afastar os factos milagrosos. Sem acreditar na filiação divina de Mitra, teriam visto nele um homem eminente, cujos actos lhe teriam valido a apoteose.

É precisamente neste ponto que nos encontramos a propósito de Jesus. Todos os outros filhos de Deus venerados pelas religiões de mistério foram relegados para a zona dos mitos após o desaparecimento dos seus fiéis. Será porque ainda conta com inúmeros devotos que a vitalidade do seu culto impressiona até os não crentes?

Visto deste ângulo, o problema deixa de apresentar a mesma estranheza. A solução mítica, que parecia tão extravagante, surge como bastante mais simples e bastante mais natural. No entanto, isso é insuficiente para a impor. Comparar não significa provar. Em história,

---

(18) Justino, *Apol.*, I, 66, 4 e 70; I; *Dial.*, LXXVIII, 6; Tertuliano, *De praescr.*, 40.

(\*) Referente ao evemerismo, uma doutrina que considera os deuses pagãos personagens humanas, que pelos seus feitos mereceram o reconhecimento que os tempos transformaram em culto. (N. T.)

só os textos importam. Só eles fornecem a prova decisiva, contra ou a favor de uma tradição.

Portanto, examinemos aqueles que se invocam sobre Jesus. Mas analisemo-los com a mesma liberdade que usaríamos se fossem documentos relacionados com Átis, Osíris ou Mitra.

## I. Falta de testemunhos profanos

Um testemunho só é válido se o seu autor conhecer a verdade e se estiver de acordo para a revelar. Dito de outra forma, se não estiver a ser enganado nem quiser enganar. Ora, só conseguimos descobri-lo se soubermos a que época e a que meio pertence, o que ele próprio é, e o que vale.

Estas regras elementares da crítica histórica impõem-se em qualquer domínio, quer se trate da Grande Guerra ou dos poemas homéricos, de Apolo ou de Cristo. Quais são, pois, os textos que permitem estabelecer que Jesus existiu de facto?

Estes dividem-se em duas séries. Uns são cristãos; outros provêm de círculos fechados ao Evangelho.

Em princípio, os testemunhos dos não crentes representam um interesse particular, precisamente porque não estão influenciados pela fé. Mas à medida que os observamos mais de perto, chegamos à conclusão de que estes se reduzem a quase nada.

### *Os testemunhos judaicos*

De entre eles, os mais valiosos seriam os dos Judeus palestinianos.

#### JOSEFO

Há um que se invoca amiúde, o de Flávio Josefo. Nascido em Jerusalém por volta do ano 38 da nossa era, participou em 67 na

guerra contra os Romanos, depois juntou-se a eles e a seu pedido publicou, em 77, o relato desta guerra memorável e mais tarde, em 93, um longo trabalho sobre as *Antiguidades Judaicas*. Nesta última obra, a propósito do governo de Pôncio Pilatos pode ler-se a seguinte passagem (XVIII, 3, 3): «Por essa mesma altura chegou Jesus, homem sábio, se todavia pudermos chamar-lhe um homem, já que era um fazedor de milagres e o mestre dos homens que recebem a verdade com alegria. E atraiu a si muitos Judeus e muitos Helenos. Era o Cristo. E quando, por denúncia dos nossos mais ilustres concidadãos, foi condenado por Pilatos a ser crucificado, os que primeiro o amaram continuaram a fazê-lo, pois apareceu-lhes ao terceiro dia, ressuscitado, cumprindo assim aquilo que os divinos profetas haviam anunciado sobre ele e sobre mil outras maravilhas suas. E o grupo a que se chama cristãos ainda não desapareceu.»

Este texto seria decisivo, se fosse autêntico. Mas tudo aponta para que deva ser considerado apócrifo. Não estava escrito na edição mais antiga que conseguimos obter de Josefo, nem naquela que possuía Orígenes, no princípio do século III. Segundo este autor, o historiador judeu não acreditava que Jesus fosse o Cristo<sup>(19)</sup>. Ora, acabámos de ver que o passo em questão afirma expressamente: «Era o Cristo.»

Ainda que o testemunho do sábio alexandrino não existisse para comprovar que Josefo não disse tal coisa, a crítica mais elementar impedir-nos-ia de lhe atribuir essa afirmação. Se o autor das *Antiguidades* tivesse afirmado que «Jesus era o Cristo», se lhe tivesse chamado o «mestre dos homens que recebem a verdade com alegria», se o tivesse apresentado como ressuscitado ao terceiro dia, teria sido cristão. Ora, ele mostra-se muito apegado ao judaísmo fariseu, não apenas nos seus escritos anteriores, mas igualmente nos que redigiu mais tarde, na sua autobiografia e nos seus dois livros *Contra Apião*.

---

(19) *Contra Celsum*, I, 47 (Migne, Patr. gr., XI, 745).

Na verdade, supôs-se que a passagem – autêntica na substância – pudesse ter sido glosada por um autor cristão<sup>(20)</sup>. Mas esta hipótese é puramente gratuita e as reconstituições que ela inspirou do texto primitivo revelam-se tão divergentes quanto arbitrárias.

Aliás, basta um reparo muito simples para encerrar o debate. O parágrafo consagrado a Jesus rompe a sequência natural da exposição das *Antiguidades*. Anteriormente, Josefo estava a falar das calamidades que, sob Pilatos, se haviam abatido sobre os seus compatriotas. Logo a seguir retoma o mesmo fio condutor: «Ao mesmo tempo, um outro terrível golpe atingia os Judeus.» As observações que dizem respeito a Cristo são de outra ordem. Não encaixam, nem com o que antecede, nem com o que se lhe segue. Pelo contrário, se as eliminarmos, os dois fragmentos que elas separam ligam-se naturalmente e são muito coerentes. Isto significa que elas foram certamente interpoladas

Também se invocou uma segunda passagem das *Antiguidades*, que pode ser lida no início do último livro (XX, 9-1). Depois da morte do governador Félix, é-nos dito que, antes da chegada do seu sucessor, Albino, o sumo sacerdote do templo, Ananias, «reuniu um sínédrio, levou até ele Tiago, irmão de Jesus, dito o Cristo, juntamente com outros (...) e ordenou que fossem lapidados».

Também aqui a interpolação é evidente. Um autor estranho ao cristianismo não diria assim de Jesus, sem explicação nem reserva, que ele era chamado «o Cristo».

Orígenes teve conhecimento de outro texto de Josefo que era muito parecido com este. Nele podíamos ler que a destruição de Jerusalém fora o justo castigo pela morte de Tiago, cognominado *o Justo*<sup>(21)</sup>. É evidente que isto não pode ter sido escrito por um judeu. Os dois textos relacionados com o irmão de Jesus têm a mesma origem. Provêm de uma oficina cristã.

---

(20) Th. Reinach, «Josèphe sur Jésus», *Revue des Études Juives* (XXXV) 1897, pp. 13-14; R. Eisher, *Jesous Basileus*, t. I, p. 873.

(21) *Contra Celsum*, I, 47; II, 13 (Migne, P. G., XI, 745 e 824).

Recentemente, fez-se grande alarido à volta de um relato bastante longo que se pode ler noutra texto de Josefo encontrado numa tradução eslava da sua *Guerra dos Judeus*<sup>(22)</sup>. Aí, Jesus não é mencionado, nem qualificado como Cristo. Mas a sua vida é lembrada com pormenores que tendem a mostrar que ele terá sido mais do que um homem, e até mais do que um anjo, realizando – diz-nos o texto – obras divinas, designadamente curas maravilhosas, simplesmente através da virtude da sua palavra. Com uma só palavra, teria podido destruir o poderio romano. Mas não o fez. Pilatos, a quem os Judeus o foram denunciar, reconheceu a sua perfeita inocência. No entanto, entregou-o, por interesse, aos Judeus e estes crucificaram-no.

Este texto, como o das *Antiguidades*, se fosse de Josefo teria sem dúvida a maior importância. Mas nada permite acreditar que seja dele. A versão eslava da *Guerra dos Judeus* onde lemos esta passagem é muito tardia e oferece poucas garantias. Foi editada na Lituânia entre 1250 e 1260, a partir de um manuscrito grego que lhe serviu de original. Mas nenhum dos textos que chegaram até nós contém esta passagem. Não se pode afirmar que ela tenha sido deliberadamente omitida pelos copistas cristãos. Tanto mais que não revela qualquer detalhe ofensivo para Jesus. Antes pelo contrário, pois alude a muitos traços elogiosos que deveriam ter ditado a sua salvaguarda. Acresce ainda que esta passagem separa acidentalmente dois episódios estreitamente ligados entre si no texto grego, mostrando quão provocador foi Pilatos em relação ao mundo judeu. Também ela apresenta todos os indícios de uma interpolação.

Aliás, no seu início, esta passagem explora visivelmente o primeiro texto das *Antiguidades*, cujo carácter apócrifo constatámos. O falsário trai a sua intenção ao querer imitar um outro falso Josefo.

Dois passagens, bastante mais curtas, da mesma versão eslava falam ainda de Cristo. Uma menciona uma inscrição colocada à entrada do santuário de Jerusalém: «Jesus rei não reinou, mas foi

---

(22) Entre II, 174 e 175; trad. franc. de Salomon Reinach, *Revue des Études Juives*, 1929, pp. 134-135.

crucificado pelos Judeus porque predisse a destruição da Cidade e a devastação do Templo»<sup>(23)</sup>. A outra recorda as vestes rasgadas durante a crucificação e a ressurreição que se seguiu<sup>(24)</sup>. Mas estes dois textos dependem, sem qualquer dúvida, daquele muito mais importante que acabámos de analisar. Portanto, são ambos, como ele, apócrifos. E aliás, como ele, também este falta nos manuscritos gregos. Como ele, ambos traem a inspiração do Evangelho.

Em suma, em toda a obra de Josefo não encontramos um parágrafo, uma frase, uma palavra autêntica que diga respeito a Jesus. Tudo o que podemos encontrar a seu respeito foi interpolado pelos cristãos. Nada mais natural. Foi graças a eles que o historiador judeu sobreviveu e que os seus manuscritos chegaram até nós. Considerado um renegado e sistematicamente ignorado pelos seus correligionários – por tê-los abandonado em plena luta e tomado o partido dos vencedores – foi muito bem recebido entre as gentes da Igreja por lhes fornecer inúmeros pormenores sobre o círculo do qual saíra o cristianismo. Não é de admirar que um ou outro, chocado por nada encontrar sobre Jesus na sua obra, o tenha posto a dizer aquilo que, aos seus olhos, ele deveria ter dito.

Os próprios acrescentos mostram como, do ponto de vista cristão, é anormal o seu silêncio. Josefo mostra-se muito bem informado sobre tudo o que diz respeito aos Judeus palestinianos. Sobre eles fornece-nos uma enorme quantidade de informações precisas, colhidas ao vivo. Se os relatos evangélicos estavam certos – pelo menos em substância – não era aceitável que um homem destes nada soubesse desses relatos e que, conhecendo-os, nada dissesse sobre eles.

Com certeza que Josefo não disse tudo, e não podia dizer tudo. Observou-se que não fez qualquer menção a um personagem como Hilel. Podemos ir mais longe e afirmar que deixa deliberadamente na sombra tudo o que diz respeito às escolas rabínicas. Mas isso acontece simplesmente porque não está a escrever para os Judeus – que seriam

---

(23) Depois V. 195; Salomon Reinach, *op. cit.*, pp. 135-136.

(24) Depois V. 214.

os únicos a poder interessar-se por esse tipo de detalhes. É aos leitores greco-romanos que ele se dirige. Por isso revela insistentemente tudo o que diz respeito às relações do judaísmo com o helenismo e com o poder imperial. Fala várias vezes de diversos agitadores que estavam em conflito com os representantes dos césares<sup>(25)</sup>. Insiste particularmente em dois, que haviam tido problemas com Pilatos<sup>(26)</sup>. Por que razão – neste contexto – não fala ele de Jesus? A ocasião teria sido bastante natural. A tradição cristã ter-lhe-ia permitido apresentar o procurador a uma luz mais favorável e mostrá-lo em perfeita sintonia com o sinédrio. Ao não aproveitar esta ocasião, revela que não a conhece.

Argumenta-se que ele também nada diz sobre o cristianismo e que, no entanto, não o podia ignorar. Mas este argumento é dos mais discutíveis. Os documentos que temos sobre a Igreja palestiniana são tardios e lendários. Se Josefo não a menciona é porque, aparentemente, ela não cativou a sua atenção e se porventura se cruzou com ela, confundiu-a com o grupo dos Fariseus ou dos Essênios<sup>(27)</sup>.

#### JUSTO DE TIBERÍADES

Afinal de contas, o seu silêncio a propósito de Jesus poderia até ser um simples fruto do acaso. Porém, acontece que um dos seus compatriotas, um tal Justo de Tiberíades – um seu contemporâneo que, para o combater, escreveu pouco depois dele um novo relato da Guerra dos Judeus e um novo resumo da sua história –, ficou igualmente mudo sobre o mesmo assunto. As suas obras não chegaram até nós, mas o patriarca Fócio ainda as lia no século IX, deixando sobre elas uns breves comentários, numa recolha de notas bibliográficas<sup>(28)</sup>.

<sup>(25)</sup> *Ant. Ju.*, XVIII, 1, I (Judas, o Galileu); XX, 5, 1 (Teudas); XX, 8,6 (o Egípcio).

<sup>(26)</sup> *Ant. Jud.*, XVIII, 3, 1 e 2 (Judeus) e 4,1 (Samaritanos).

<sup>(27)</sup> *No fim da sua vida P. Alfaric não duvidava que Josefo tivesse confundido os cristãos apenas com os essênios. Cf. esta obra, pp. 113 e 139 (J. M).*

<sup>(28)</sup> *Biblioth.*, 33 (Migne, P. G. CII, 65).

Ora, entre outras coisas, podemos ali ler que «Justo não faz qualquer menção à vinda do Cristo, aos acontecimentos da sua vida, ou aos seus milagres».

Fócio não encontra outra explicação para um silêncio tão chocante que não seja a dos «preconceitos judeus». Mas há outra bastante mais natural. Justo está na mesma situação que Josefo. Se nada disse sobre Jesus, é porque nada sabia sobre dele.

#### O TALMUDE

Depois disto, o que sobra da tradição judaica? Os únicos testemunhos que ainda poderiam ser invocados são os que nos são fornecidos pelo Talmude<sup>(29)</sup>. Mas esses são demasiado tardios e demasiado inconsistentes para poderem ser utilizados como documentos históricos. Aliás, reduzem-se a algumas frases muito vagas e confusas.

Todos os detalhes que aí se encontram aparecem como caricaturas do Evangelho. Tendem a mostrar que o pretenso Filho de Deus é um homem de origem impura, nascido de uma judia e de um soldado romano chamado Pantera, que os milagres que se contam dele resultam de magia, quer dizer, da intervenção de demónios, que foi condenado à morte com razão por ter querido seduzir o povo judeu e incitá-lo à revolta e, por fim, que no seu julgamento as regras do direito foram estritamente observadas.

Estes métodos de polémica anticristã passaram dos Judeus para os Helenos. No princípio do século III, Celso utilizava-os abundantemente. Troçava do filho de Pantera<sup>(30)</sup>. Mas Pantera não é, provavelmente, senão o fruto de uma brincadeira de algum rabino feita com a palavra grega *parthenos* («virgem»), aplicada pelo Evangelho à mãe do Cristo. Trata-se apenas de um mau trocadilho, e maldoso.

---

(29) P. M. J. Lagrange, *Le Messianisme chez les Juifs*, pp. 288-290.

(30) Orígenes, *Cont. Celse.*, I, 32, 33, 69 (Migne, *Patr. gr.*, XI, 721, 724, 789).